



A formação do “homem redondo”: Tipos Psicológicos de Jung e a Ciência Ontopsicológica

Marcelo Pflieger ¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo teórico sobre os tipos psicológicos de Jung e suas evoluções, particularmente a contribuição da Ciência Ontopsicológica na integração de todas as suas atitudes e funções como pressuposto à formação do “homem redondo”, almejado pela Psicologia Analítica de Jung.

Palavras-chave: Tipos Psicológicos de Jung; Ontopsicologia; liderança; individuação; autenticação.

The formation of “360 degrees man”: Jung’s Psychological Types and the Ontopsychological Science

Abstract: The goal of this study is to conduct a theoretical study on the Jung’s Psychological Types and it’s evolution, particularly the integration of all their attitudes and functions as a precondition to the leader’s formation presented by Ontopsychological Science. A “360 degrees” man.

Keywords: Jung’s Psychological Types; Ontopsychology; leadership; individuation process; authentication.

¹ Consultor na área de Tecnologia da Informação, empresário, Curso de Especialização Lato Sensu MBA Identidade Empresarial (AMF), estudante do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia, Primeira Turma, Faculdade Antonio Meneghetti. E-mail: mar3pf@gmail.com

1 Introdução

O presente trabalho tem por objetivo a realização de um estudo teórico sobre os Tipos Psicológicos de Jung, uma ferramenta muito utilizada dentro do processo de individuação² da Psicologia Analítica ou *junguiana*. De forma mais precisa, este trabalho visa um estudo das *atitudes e funções* especificadas pela teoria dos Tipos Psicológicos, a utilidade desta teoria como uma ferramenta que pode proporcionar um maior autoconhecimento e individuação das funções psicológicas mais desenvolvidas de um determinado indivíduo, assim como suas funções inferiores ou mais inconscientes e principalmente o isolamento de sua “quarta função”, se é possível desenvolvê-la ou integrá-la à consciência, integrando com todas as outras através do método ontopsicológico, uma vez que a própria teoria da Psicologia Analítica expõe a impossibilidade de uma completa integração, como será verificado neste estudo. Em outras palavras, como a ciência delineada pela Ontopsicologia poderá preencher algumas lacunas ou dar uma via de saída ou um retorno positivo sobre alguns questionamentos e limitações levantados pela teoria dos Tipos Psicológicos de Carl Gustav Jung.

A escolha do tema teve como origem alguns questionamentos realizados recorrentemente por alunos em sala de aula, como por exemplo, se há alguma forma de visualizar, medir o porquê de alguns indivíduos desenvolverem determinados valores em detrimento de outros. O porquê alguns tem facilidade com alguns aspectos do real enquanto outros tem maiores dificuldades. Ou ainda: é possível desenvolver um homem com todas as funções de leitura, impacto e aferência do real evoluídas? É possível o desenvolvimento do “homem redondo”?

Jung também é considerado no arcabouço teórico da Ciência Ontopsicológica como um dos grandes cientistas da psique, onde muitos de seus princípios são convalidados pela Ontopsicologia³, além do estudo e discussão sobre o autor em duas matérias do presente módulo, como “Fundamentos Históricos e Epistemológicos da Ontopsicologia II”, onde as aulas foram ministradas pela Prof^a. Ms./Doutoranda Claudiane Weber e a disciplina “Seminários Avançados de Leitura de Textos

² “É um *processo de diferenciação* que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. É uma necessidade natural” (JUNG, 2012, p. 30).

³ “Permanecem convalidados os princípios junguianos dos arquétipos, dos complexos, de inconsciente individual e coletivo, de Eu, de *persona*, de *animus* e *anima*, de *self*, das funções de compensação, de oposição e de síntese transcendente, de energia psíquica e de valores psíquicos, de poder constelador de um complexo, dos princípios de equivalência e entropia, de progressão e regressão, de causalidade teleológica, do processo de individuação, da remoção sublimada e simbolizada” (MENEGETTI, 2012, p. 20).

Históricos”, onde as aulas foram ministradas pela Prof^a. Ms. Vera Rodegheri. Foi bibliografia complementar da disciplina “Arte e Cultura Humanista I”, aulas ministradas pela Prof^a. Ms. Carolina Schuskel Miranda, com seu famoso *Livro Vermelho*⁴. Na disciplina de “Inteligência e Percepção”, ministrada pelo Prof. Horário Chikota, não podemos esquecer a busca constante pelo “homem redondo”, assim como alguns conceitos abordados na aula foram cunhados pelo próprio Jung. Por fim, na disciplina de “Sociologia”, ministrada pela Profa. Ms. Ana Petry, a importância deste “homem redondo” ou líder, dentro do conceito de Sociologia Ontopsicológica.

2 Fundamentação Teórica

O estudo da personalidade, evidenciando as características, diferenças e semelhanças entre os seres humanos, a partir de suas escolhas, comportamentos, visão de mundo, escolhas no trabalho e potencialidades, foi um assunto que sempre causou grande fascinação aos estudiosos do homem.

Desde cinco séculos antes de Cristo, filósofos já descreviam os diferentes tipos psicológicos e até na Bíblia há passagens das diferenças de temperamentos. Para quem estudou Filosofia grega – Platão, Aristóteles – certamente ouviu falar de artesãos, hedonistas, guardiães, proprietários, éticos, idealistas e racionais. Porém, no início do século XX, Jung empreendeu uma enorme busca neste âmbito.

Não é objetivo desta ‘pequena tese’ entrar nos pormenores da formação da personalidade, porém um panorama será necessário, dentro de um dos conceitos mais aceitos de personalidade, esta sendo uma síntese composta de temperamento e caráter.

Um dos fatores que já é bem conhecido e que direciona as pessoas seguirem diferentes caminhos e trajetórias de realização, sendo uma característica inata de cada indivíduo, chama-se temperamento:

Temperamento é uma predisposição inata da mente, ou seja, um conjunto de inclinações naturais, relacionadas sobretudo com os processos mentais de percepção (visão de mundo) e de análise e tomada de decisão, em que inteligências, interesses (aspirações) e valores são determinantes para apontar a direção (CALEGARI, GEMIGNANI, 2006 p. 19).

Um outro fator que tem peso semelhante na constituição da personalidade é o caráter. De acordo com o Dicionário de Ontopsicologia:

⁴ JUNG, C. G. *The Red Book. A Reader's Edition*. New York & London: WW Norton, 2009.

Caráter, do grego χαρασσω = incido, esculpo. χαρασσω⁵ = unicidade de comportamento-ponta. Modelo incidido. Modo constante acerca de um proceder ou comportamento. Faz supor a presença de uma forma psico-histórica que codifica o tom emocional e o modo de percepção e reação. Estereótipo que constela ou organiza um ou mais processos. Tende a reconhecer-se em um estilo psicológico e, portanto, em um tipo de personalidade (MENEGETTI, 2010, p. 44).

Também não será foco deste trabalho evidenciar a origem e evolução do caráter, nem na ótica ontopsicológica, tampouco na junguiana ou psicanalítica, apenas importante saber, de forma simplificada, que o ser humano tem uma personalidade composta por um temperamento inato e um caráter, que posteriormente é esculpido de acordo com o contato com o núcleo familiar na primeira infância e reforçado posteriormente pela sociedade. Também não será abordada a origem da constituição, elaboração e desenvolvimento da teoria dos Tipos psicológicos. De acordo com Jung (2012):

A tentativa de uma tipificação puramente psicológica eu a descrevi em detalhes no meu livro Tipos Psicológicos. A base de minha pesquisa foi uma atividade de vinte anos, como médico, que me pôs em contato com pessoas de todas as camadas e de todas as nações mais desenvolvidas (JUNG, 2012 p. 551).

Em síntese, uma abordagem da origem da teoria dos tipos psicológicos de Jung:

Jung tomou como base do seu sistema tipológico, pelo qual é mais amplamente reconhecido nos dias de hoje, uma ampla revisão histórica da questão dos tipos psicológicos na literatura, na mitologia, na estética, na filosofia e na psicopatologia. Sua pesquisa acadêmica e um exaustivo sumário de suas conclusões foram publicados pela primeira vez em 1921. Certo número de testes tipológicos amplamente usados têm, como base, nos dias que correm, princípios junguianos: os testes Myers-Briggs, Gray-Wheelwright, Singer-Loomis e vários outros testes desenvolvidos para fins específicos de pesquisa. Inicialmente, Jung elaborou sua teoria tipológica com o fito de explicar a forma pela qual ele, Freud, Adler e outros podiam ter concepções tão divergentes a respeito do mesmo material clínico. Jung chegou à conclusão de que eles interpretavam os fatos relevantes de forma tão diversa em função das variações da maneira como esses fatos funcionavam psicologicamente, isto é, graças à tipologia pessoal de cada um (HALL, 1986 p. 68).

O objetivo deste trabalho, neste momento como uma “pequena tese”, será apenas abordar como a teoria dos Tipos Psicológicos de Jung, como evoluiu, como é possível realizar a descoberta, conscientização e desenvolvimento das funções psicológicas, a apresentação das quatro atitudes e funções que constituem sua personalidade, sendo

⁵ “καρα = cabeça; ασσω = me lanço, salto, sou impelido” (MENEGETTI, 2012, p. 27).

uma função mais desenvolvida, as funções secundárias e a função que precisa de uma melhor atenção, sendo esta última a que fará a ponte do indivíduo com o seu inconsciente. As deficiências e limitações e como a Ontopsicologia pode contribuir neste processo de integração.

De acordo com Jung (2012), é importante lembrar:

A psique individual não se explica por nenhuma classificação. Contudo, a compreensão dos tipos psicológicos abre um caminho para melhor entendimento da psicologia humana em geral (JUNG, 2012, p. 521).

Um importante ponto a ressaltar, quando se trata da teoria dos tipos psicológicos de Jung é a noção de arquétipo⁶. Segundo Calegari e Gemignani (2006):

A ideia de que o tipo psicológico já está presente no indivíduo ao nascer, e que os tipos são universais, está lastreada nas noções de arquétipo e inconsciente coletivo, dois conceitos que constituem a base da psicologia de Jung. Arquétipos são os alicerces da vida psíquica, comuns a todos os homens e mulheres. “Os arquétipos são núcleos de energia em estado virtual que podem ser ativados pelo dinamismo incessante da psique. O dinamismo da psique é um dos fatores que promovem a diferenciação (individualização) entre as pessoas, ou seja, o que faz com que uma pessoa seja única no universo” (CALEGARI; GEMIGNANI, 2006, p. 30).

Assim como o conceito de inconsciente coletivo:

Em relação ao conceito de inconsciente coletivo, Jung afirmou que, do mesmo modo que o corpo humano apresenta uma anatomia comum, sempre a mesma, apesar de todas as diferenças raciais, assim também a psique possui um substrato. Ele denominou esse substrato inconsciente coletivo, uma herança que transcende todas as diferenças de cultura e de atitudes conscientes, ou seja, o inconsciente coletivo apresenta disposições latentes para reações idênticas. Ele nada mais é que a expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral, independentemente de todas as diferenças raciais. Suas origens são desconhecidas e perdem-se no tempo (CALEGARI; GEMIGNANI, 2006 p. 30).

A teoria dos Tipos Psicológicos de Jung pretende demonstrar que o ser humano é composto de duas atitudes e quatro funções. Destas, sendo duas *funções racionais* e duas *funções irracionais*. A combinação das atitudes e funções em cada ser humano, resultam em um determinado tipo psicológico. Como atitudes, o ser humano tem como atitude preferencial a introversão⁷ ou extroversão⁸, assim como as *funções racionais* de pensamento e sentimento e as *irracionais* de sensação e intuição.

⁶ “Arquétipo, do grego αρχη = origem, princípio + τιμη = pôr, fazer. É a estrutura que faz de princípio a processos lógicos dependentes no universo das imagens” (VIDOR, 2013, p. 42).

⁷ “Costuma ser caracterizada por uma natureza vacilante, meditativa, reservada, que espontaneamente se mantém isolada dos outros, recua diante dos objetos e está sempre um pouco na defensiva” (SHARP, 1987, p. 13).

Enquanto as antigas classificações foram feitas com base na observação de padrões de comportamento temperamental ou emocional, o modelo de Jung diz respeito ao movimento da energia psíquica e ao modo como cada indivíduo se orienta no mundo, habitual ou preferencialmente (SHARP, 1987, p. 12).

Portanto, cada função, seja pensamento, sentimento, sensação ou intuição, operará no modo introvertido ou extrovertido.

A introversão e a extroversão são formas psicológicas de adaptação. No primeiro caso, o movimento da energia psíquica é direcionado para o mundo interior; no segundo, a atenção é dirigida para o mundo exterior. Num caso, o sujeito (a realidade interior) e, no outro, o objeto (as coisas e as outras pessoas – a realidade exterior) são de vital importância (SHARP, 1987, p. 13).

Para se ter uma ideia de como funciona cada uma das duas atitudes, podemos exemplificar que as pessoas que possuem a dominância da atitude *introversão*, são mais territoriais, com tendência a defenderem o seu espaço, são mais seletivos nas amizades, gostam de trabalhar de forma silenciosa, costumam sair mais cedo das festas, são melhores ouvintes, demonstram uma maior independência às opiniões alheias e pensam mais antes de falar ou tomar decisões. De modo contrário, os *extrovertidos* em sua maioria falam e agem sem pensar. Gostam de interagir e conhecer um grande número de pessoas, costumam realizar tarefas simultaneamente, apreciam os encontros e festas, e possuem uma tendência a serem mais necessitados da aprovação dos outros.

Em outras palavras (cf. anexo I):

Na atitude extrovertida, a libido consciente flui normalmente na direção do objeto, mas há uma reação contrária, secreta inconsciente voltada para o sujeito. Na atitude introvertida ocorre o oposto; a pessoa tem a impressão de que um objeto opressor quer constantemente afetá-la, objeto do qual ela deve afastar-se de maneira contínua. Tudo se abate sobre a pessoa, que é constantemente oprimida por impressões, embora não perceba que secretamente está tomando energia psíquica do objeto e passando-a a ele através da sua extroversão consciente (FRANZ; HILLMAN, 1990, p. 11).

Uma vez tendo em mente as duas possibilidades de atitudes, agora abordaremos as quatro funções da psique:

Por função psíquica Jung compreende certa “atividade psíquica, que se mantém inalterável sob diversas circunstâncias, sendo totalmente independente dos respectivos conteúdos. Não é decisivo, portanto, *o que*, por exemplo, se pensa, mas *que* usamos a função do pensamento, e não, por

⁸ “Costuma ser caracterizada por uma natureza saliente, franca e obsequiosa, que se adapta com facilidade às situações propostas, estabelece rapidamente ligações e, pondo de lado qualquer tipo de apreensão, arrisca-se com despreocupada confiança, a situações desconhecidas” (CALEGARI; SHARP, 1987, p. 13).

exemplo, a função da intuição, para absorver e processar os conteúdos que se nos apresentam de fora ou de dentro. Trata-se, aqui, de princípio, de um modo de apreensão e de processamento de dados-acontecimentos psíquicos, sem levar em consideração seu respectivo conteúdo (JACOBI, 2013, p. 28).

O eixo das *funções racionais* pensamento-sentimento:

Por isso, o pensamento é uma função que busca chegar à compreensão dos acontecimentos do mundo e adequar-se para com os mesmos a partir de um trabalho do pensar, portanto, do conhecimento – ou seja, por meio de nexos conceituais e deduções lógicas. O contrário disso é visto como a função do sentimento, com base numa avaliação feita através dos conceitos “agradável ou desagradável, ou ainda, aceitar ou recusar”. As duas funções são designadas de *racionais*, visto que as duas trabalham com *valorações*: o pensamento avalia através da mediação do conhecimento, a partir do ponto de vista de “verdadeiro-falso”, o sentimento, através da mediação das emoções, a partir do ponto de vista do “prazer-desprazer”. Essas duas posturas fundamentais excluem-se mutuamente como modos de comportamento simultâneos. Não é preciso maiores indicações para compreender, por exemplo, que o que identifica um “político-sentimento” é precisamente o fato de ele tomar suas decisões baseado no sentimento e não em seus conhecimentos (JACOBI, 2013, p. 28).

O eixo das *funções irracionais* sensação-intuição:

As duas outras funções, sensação e intuição, Jung chama de funções *irracionais*, uma vez que no trato com a *ratio*⁹ não lidam com juízos, mas com meras percepções sem avaliação ou atribuição de sentido. A sensação percebe as coisas assim como são e não de outro modo. É o sentido por excelência da realidade, aquilo que os franceses identificam como *fonction du réel*¹⁰. A intuição percebe igualmente de forma “verdadeira”, no entanto menos através do aparelho consciente dos sentidos do que através da capacidade de uma “percepção interior” inconsciente das possibilidades presentes nas coisas. O tipo sensação, por exemplo, irá perceber um dado histórico em todas as suas particularidades, todavia não irá dar-se conta dos nexos conjunturais nos quais está fundamentado; o intuitivo, ao contrário, passa ao largo sem perceber as particularidades, mas percebe sem dificuldades de imediato o sentido interno do acontecimento, seus possíveis nexos e efeitos (JACOBI, 2013, p. 29).

Portanto, ficou facilmente evidenciado nos exemplos anteriores, que a função *pensamento*, está ligada ao processo de pensamento cognitivo; a *sensação* é a percepção através dos órgãos dos sentidos; o *sentimento* é a função do julgamento ou da avaliação subjetivos e a *intuição* refere-se à percepção através do inconsciente, por exemplo, a recepção do sujeito aos conteúdos do inconsciente.

O modelo básico criado por Jung, que trata das quatro funções, é uma “quaternidade”, conforme anexo II. O pensamento, neste caso, encontra-se de forma aleatória colocada na parte superior, porém qualquer uma das outras funções ali poderia

⁹ “*Lat. ratio* = razão, verificação” (MENEGETTI, 2012, p. 145).

¹⁰ “Um termo usado pelo psiquiatra francês Pierre Janet para referir-se à consciência do ego” (STEIN, 2006, p. 64).

estar de acordo com a função dominante de cada pessoa. O importante aqui é verificar que a posição relativa das outras funções, as que estão em polos opostos, independente se na vertical ou horizontal, será determinada pela que estiver no alto da figura. A seguir, será explicado o porquê da localização específica de cada função a partir da localização da função superior no topo.

Em síntese:

A função da *sensação* nos assegura de que algo existe; a do *pensamento* nos diz do que se trata; o *sentimento* nos fornece o seu valor e, através da *intuição*, temos um palpite do que podemos fazer com isso (as possibilidades). Qualquer função, isoladamente, não é suficiente para determinar o nosso autoconhecimento, ou então, o conhecimento do mundo ao nosso redor; todas elas, escreve Jung, são necessárias para um abrangente conhecimento (SHARP, 1987, p. 15).

De acordo com a interessante análise de Jung (2012):

Segundo o alcance de minha experiência, essas quatro funções básicas são suficientes para expressar e representar os meios e caminhos da orientação consciente. Para uma orientação plena da consciência, todas as funções deveriam concorrer igualmente; o *pensamento* deveria facultar-nos o conhecimento e o julgamento, o *sentimento* deveria dizer-nos como e em que grau algo é importante ou não para nós, a *sensação* deveria proporcionar-nos a percepção da realidade concreta por meio da vista, do ouvido, do tato etc., e a *intuição* deveria fazer com que adivinhássemos as possibilidades e planos de fundo mais ou menos escondidos de uma situação, pois também eles fazem parte do complexo quadro de um dado momento (JUNG, 2012, p. 523).

Na sequência de sua análise, Jung também elucida um importante aspecto:

Mas, na verdade, essas funções básicas estão raras vezes ou nunca igualmente diferenciadas e, portanto, disponíveis. Em geral, uma ou outra dessas funções ocupa o primeiro plano e as outras permanecem indiferenciadas no segundo plano. Assim, há muitas pessoas que se limitam a perceber simplesmente a realidade concreta, sem preocupar-se em refletir sobre ela ou em considerar seu valor sentimental. Pouco se importam também com as possibilidades que podem estar em certa situação. Tais pessoas eu as denomino *tipo sensação*. Outras se deixam determinar exclusivamente pelo que pensam, e não conseguem adaptar-se a uma situação da qual não tem conhecimento intelectual. São os *tipos pensamento*. Outras pessoas, ainda, deixam-se guiar em tudo exclusivamente pelo sentimento. Perguntam apenas se algo é agradável ou não e se orientam por suas impressões sentimentais. São os *tipos sentimento*. Os *intuitivos*, finalmente, não se preocupam nem com ideias nem com reações sentimentais, nem também com a realidade das coisas, mas deixam-se atrair exclusivamente pelas possibilidades e abandonam qualquer situação que não permite vislumbrar maiores possibilidades (JUNG, 2012, p. 524).

Porém, as funções não são desenvolvidas de modo igual:

Embora uma pessoa tenha as quatro funções, elas não são obrigatoriamente desenvolvidas de modo uniforme. Normalmente, uma das quatro funções é mais diferenciada do que as outras, e representa um papel predominante na consciência. Esta é chamada a *função superior*, e uma entre as três restantes pode agir como auxiliar da função superior. Se a *função superior* é impedida de operar, a *função auxiliar* automaticamente toma o seu lugar (HALL, LINDZEY, 1984, p. 94).

E a enorme dificuldade que o indivíduo tem de manter uma função que não seja a sua principal, na consciência:

O esforço de manter a consciência com uma função não primária costuma ser demasiado difícil. A função parece surgir e sumir, não se mostrando como um instrumento útil sempre à disposição das minhas necessidades e intenções (FRANZ, 1990, p. 155).

Neste momento do trabalho entramos num importante aspecto das funções, as funções que não são conscientemente manifestadas no dia-a-dia, que não são desenvolvidas, mais particularmente a *função inferior* ou quarta função:

A menos diferenciada das quatro funções é chamada *função inferior*. É reprimida e inconsciente. A *função inferior* expressa-se em sonhos e fantasias, e também está associada a uma *função auxiliar* (HALL; LINDZEY, 1984, p. 94).

Estas funções não desenvolvidas, acabarão manifestando-se no indivíduo de uma forma mais primitiva, infantil, ou apenas semiconsciente, ou até totalmente inconsciente. Por exemplo, a ênfase dada à função sensação, será acompanhada pela inferiorização imediata da função intuição ou a diferenciação da função pensamento será prejudicial ao à função sentimento e vice-versa.

Para termos uma noção da tremenda importância que a influência da função inferior exerce no psiquismo humano:

Ela representa a parte desprezada da personalidade, a parte ridícula e inadaptada, mas simboliza também a parte que constrói a conexão com o inconsciente, retendo, portanto, a chave secreta da totalidade inconsciente da pessoa. Pode-se dizer que a função inferior sempre faz a ponte para o inconsciente (FRANZ; HILLMAN, 1990, p. 19).

Fundamentado em Jung, Franz ainda explica que a pessoa que conseguir voltar-se para a sua função inferior descobrirá um novo potencial de vida (FRANZ, 1990). E segue:

A quarta função, totalmente misturada com o inconsciente, tão logo as circunstâncias a elevam para a luz da consciência, traz consigo perfeitamente os conteúdos do inconsciente, como que irrompe para dentro do campo da consciência, com seus conteúdos indiferenciados, provocando assim um encontro e confronto com esses, e desse modo possibilitando fazer uma síntese entre conteúdos conscientes e inconscientes (JACOBI, 2013, p. 34).

E mais uma perspectiva em relação a importância do reconhecimento dos pontos fortes e fracos das funções psicológicas:

A mínima parte das pessoas tem clareza sobre sua pertença a um outro tipo de função, muito embora seja geralmente fácil para eles “reconhecer se e qual função é diferenciada, através de sua fortaleza, inabalabilidade, coerência, confiança e adequabilidade. O critério essencial da função inferior, ao contrário, é sua falta de confiança no uso, sua volubilidade à influência, sua grosseria, seu caráter turvo, usando as palavras de Jung: “Não é a *gente que a tem* na mão, mas alguém *a tem*”. Atua de forma autônoma, a partir do inconsciente, *quando acha adequado* (JACOBI, 2013, p. 28).

A função inferior também é designada por Franz (1990), como a porta para se experimentar as camadas mais profundas do inconsciente.

Ou ainda:

A função inferior é a ferida sempre aberta da personalidade consciente mas, através dela, o inconsciente pode sempre entrar e assim ampliar a consciência e gerar uma nova atitude (FRANZ, 1990, p. 83).

Neste momento já é possível se obter uma melhor noção da importância de ser individuada esta quarta função, pois é a partir dela que, teoricamente, podemos evidenciar um dos aspectos mais visíveis da perda do pleno contato e leitura do real. E agora, um dos pontos mais importantes deste trabalho, de modo natural pode vir à tona o seguinte questionamento: e se todas as funções fossem integradas e conscientes? É possível pensarmos num indivíduo totalmente integrado e em total consciência e uso das atitudes e funções?

Em seu livro *A Psicologia de C.G. Jung*, Jorlande Jacobi (2013), uma das colaboradoras mais próximas de Jung, descreve uma possibilidade apenas teórica da integração, conscientização de todas as funções:

Se todas as quatro funções pudessem ser elevadas à consciência, todo círculo estaria na luz, e então poderíamos falar de um homem “redondo”, ou seja, “completo”. De qualquer modo, do ponto de vista puramente teórico, isso é pensável. (...) Por causa de exclusões mútuas das funções, não é possível adotar ao mesmo tempo diversas posturas fundamentais, todavia, pela via da conscientização, o ser humano consegue ir diferenciando-as uma após a outra até certo grau, e pelo menos aproximar-se do “ser redondo” (JACOBI, 2013, p. 35).

De forma mais detalhada, a perspectiva ideal de contato e aferência do real tendo em vista um pleno desenvolvimento e conscientização de todas as funções:

Se, uma vez, tivermos plenamente à disposição a função principal assim como as funções paralelas em alto grau, sabendo pelo menos que espécie de função é a quarta, a função inferior, quando e como pode alcançar o plano de

frente – coisa que pertence à meta ideal de toda análise -, então pode-se primeiramente apreender um objeto, por exemplo conhecendo-o, depois “sondar” com a intuição suas possibilidades internas e ocultas; em seguida, com a sensação, por assim dizer, de tateá-lo, e, então, por fim – se o sentimento for a função inferior -, avaliá-lo na medida do possível segundo seu ser agradável ou desagradável (JACOBI, 2013, p. 28).

Não é objetivo desta pequena tese adentrar os aspectos minuciosos do processo de individuação dentro da Teoria Psicanalítica de Jung, assim como no da Ciência Ontopsicológica. Porém, um breve panorama se faz necessário:

Para Jung, o homem, vivendo o processo de individuação, deve se tornar o que ele realmente é. Isso é a tarefa humana, a capacidade humana, que também constitui o fundamento para a teoria do processo terapêutico. (...) O processo de individuação é o processo da confrontação dialógica entre o consciente e o inconsciente (KAST, 2013, p. 9).

Neste sentido, segundo Hall (1986):

A individuação é a manifestação, na vida, do potencial inato e congênito da pessoa. Nem todas as possibilidades podem ser realizadas, de modo que a individuação jamais se completa. A individuação é mais busca do que alvo, mais direção a seguir do que local de descanso na caminhada. O ego em processo de individuação alcança, repetidas vezes, pontos nos quais deve transcender a imagem que fazia de si mesmo até então. Trata-se de uma experiência dolorosa, pois o ego se identifica continuamente com as imagens que faz de si mesmo, acreditando que a imagem com que se identifica num dado momento seja a pessoa “real”. Eis a razão por que as respostas à clássica questão – “Quem sou eu?” permanecem, a todo momento, abertas à modificação (HALL, 1986, p. 62).

E a sua importância do conhecimento das funções dentro do processo de individuação:

Como uma das funções costuma ser desenvolvida num grau muito maior que as outras, uma pessoa que passar por uma situação nova e desconhecida na vida apresentará uma tendência a abordá-la a partir de sua função mais desenvolvida (a função *primária* ou *superior*). Também é comum haver uma função secundária relativamente bem-desenvolvida, que age de forma congruente com a função primária. A função menos desenvolvida costuma ser denominada função *inferior*, o que designa sua natureza mais inconsciente e menos acessível ao ego. Por esta razão, o processo de individuação muitas vezes requer o desenvolvimento da função inferior. (...) Como as quatro funções e os dois tipos de atitudes representam um modelo do funcionamento total da psique, o alvo da individuação pode ser descrito em termos de tipologia. Num sentido geral, a individuação avança mediante o desenvolvimento da função inferior, assim como pelo desenvolvimento do tipo de atitude oposto ao que marca a pessoa – *os introvertidos desenvolvem a atitude extrovertida e os extrovertidos a atitude introvertida* (HALL, 1986, p. 71).

Já vimos em algumas importantes citações, a orientação para os estudiosos da Psicologia Analítica de Jung tomarem como utópico um completo ou pleno processo de individuação:

A individuação é um objetivo. Tornar-se inteiro é uma utopia; na melhor das hipóteses, estamos a caminho. Esse processo confere sentido à duração da vida (KAST, 2013, p. 17).

Nesta passagem, por exemplo, Jung chega a comentar que o próprio processo de individuação é de certa forma, utópico:

A individuação é uma utopia. As utopias têm o sentido de estimular nosso anseio, de nos pôr em movimento e nos esclarecer qual é realmente nossa mais íntima aspiração. A individuação também deve ser vista como utopia, porque é impossível essa inteireza absoluta que estamos sempre buscando. “Em última instância, todos nós empacamos em algum lugar, porque somos todos mortais e continuamos a ser uma parte daquilo que somos como um todo. A inteireza que podemos alcançar é bastante relativa” [apud JUNG, 2003 p. 24, in KAST, 2013, p. 17).

Assim como ressalta a impossibilidade de elevar a quarta função:

Não se pode elevar a quarta função, pois ela insiste em permanecer embaixo. Está contaminada pelo inconsciente e persiste nessa condição. Tentar pescá-la é como tentar trazer para o consciente todo o inconsciente coletivo, o que simplesmente não se pode fazer. O peixe será muito grande para a vara. Então qual a solução? Reprimi-la de novo? Isso é regressão. Mas se você não ceder, há apenas a outra alternativa: o peixe o puxará para dentro d'água! Esse é o momento do grande conflito que, para o tipo pensativo, por exemplo, significa o famoso *sacrificium intellectus* e, para o tipo sentimental, o *sacrificium* do seu sentimento. É ter a humildade de se descer com as outras funções para aquele nível inferior. Essa conduta produz então um estágio entre as duas camadas, mais ou menos no nível em que nada é pensamento, sentimento, percepção ou intuição. Surge algo novo, isto é, uma atitude completamente diferente e inédita em relação à vida, na qual se usam todas e nenhuma das funções durante todo o tempo (KAST, 2013, p. 17).

Portanto, de acordo com a ótica da Psicologia Analítica de Jung, quando o indivíduo, no seu processo de individuação chega em uma fase que ele deve lidar com a sua quarta função, fica praticamente impossível ele permanecer sustentado na sua função superior, porém também não irá querer “cair” na função inferior. A solução seria ficar em um âmbito intermediário entre essas duas funções. Nem na superior nem na inferior. É neste momento que o indivíduo deveria polarizar seu sentimento de vida para um centro interior e as quatro funções permanecerão como ferramentas, instrumentos onde o indivíduo poderá utilizar quando assim desejar. O ego e a sua consciência não estarão mais identificados com nenhuma das funções. É isso que a alquimia

representava com a colocação das quatro rodas sobre o carro. Ou seja, há uma completa parada numa espécie de centro interior e as funções já não agem de forma automática. Neste estágio do processo de individuação, o problema das funções não é mais importante, elas tornaram ferramentas úteis à consciência. A consciência estará polarizada em outra dimensão, que segundo Jung só poderá ser criada pelo mundo da imaginação. É por isso que Jung chama isso de função transcendente.

Surge então a quintessência, que não é outro elemento adicional, mas, por assim dizer, a essência dos quatro e, todavia, nenhum deles; é o quatro em um. Sucede às quatro uma quinta coisa que não é a soma das quatro, mas algo que as transcende e é formado por todas elas. Os alquimistas chamaram isso de *quintessentia*, ou pedra filosofal. Ela representa o núcleo consolidado da personalidade que não se identifica mais com nenhuma das funções. É um afastar-se, por assim dizer, da identificação com a própria consciência e com o próprio inconsciente, e uma instalação, ou tentativa de instalação, nesse plano intermediário. Daí por diante, como diz o texto, a pessoa se move sem movimento, corre sem correr. Na alquimia, assim como no desenvolvimento da personalidade, a solução para o problema das funções é o primeiro passo, mas é muitíssimo difícil atingi-lo (FRANZ, 1990, p. 96).

Como já mencionado anteriormente no presente trabalho, não será possível passar por todos os aspectos da tipologia de Jung, porém, até este momento, já é possível termos uma noção de quais são os elementos da personalidade, como interação entre si, como e quando são utilizados, as dificuldades do indivíduo no contato com cada atitude e função, assim como um parecer, de certa forma desfavorável, ou ainda pessimista em relação à possibilidade de sucesso, ou seja, chegar finalmente ao “homem redondo”.

De todo modo, os Tipos Psicológicos de Jung é uma teoria e um método de grande valor e funcionalidade, evoluiu em muitos aspectos como ferramenta, de forma a orientar e apontar uma tipologia psíquica para uma determinada necessidade. Os Tipos Psicológicos, posteriormente, foram evoluídos e aperfeiçoados por duas psicólogas norte-americanas, Myers e Briggs:

Seus seguidores aprofundaram esse conceito. As nortes-americanas Katherine Briggs e Isabel Myers abriram um importante veio para compreender as teorias junguianas que, depois, serviram como guias para outros pesquisadores. Briggs começou a interessar-se por essa área na década de 1920 e sua filha, Isabel Myers, continuou os estudos e pesquisas pelas décadas seguintes. Nos anos 1960, Myers desenvolveu um Indicador de Tipos Psicológicos (MBTI[®]), que teve muita aceitação na Europa, nos Estados Unidos e no Japão e, hoje, é amplamente utilizado em Recursos Humanos, terapia, orientação vocacional e profissional, também no Brasil (CALEGARI; GEMIGNANI, 2006, p. 29).

A evolução proporcionada por Briggs e Myers, resultaram num teste onde resulta em 16 tipos psicológicos. O aspecto principal da evolução foi a inclusão de mais duas *atitudes*, a de *juízo* e *percepção*.

J (Juízo) e P (Percepção) também são atitudes. Refletem o estilo da pessoa no mundo externo. Os julgadores preferem ambientes estruturados, ordenados e controlados. São tipos compenetrados, acordam cedo, planejam o dia e as atividades, não apreciam surpresas (normalmente, perdem o controle se estas ocorrerem), são francos, diretos e não deixam nada por acabar. Os Perceptivos têm um comportamento mais espontâneo. Gostam de ambientes flexíveis, situações adaptáveis, possibilidade de explorar o desconhecido (e, por isso, apreciam surpresas), trabalham bem sob pressão, mas não sentem culpa por deixar tarefas ou decisões para o dia seguinte (CALEGARI; GEMIGNANI, 2006, p. 34).

David Keirsey realizou uma pesquisa que representa um estado de arte sobre os tipos psicológicos, buscou da fonte de Myers e Briggs, e evoluiu ainda mais a teoria. No anexo III, é possível visualizar a lista completa com seus tipos de profissões:

O psicólogo norte-americano David Keirsey, bebendo na fonte de Briggs-Myers, e apoiando-se em cinco décadas de trabalho, considerou mais produtivo estudar os temperamentos (sem descartar a tipologia introduzida por aquelas pesquisadoras), enfatizando o “motor” que move a vida das pessoas, ou seja, sua visão de mundo (concreta ou abstrata) e o que elas buscam realizar. Por isso, Keirsey dirigiu seus estudos para os temperamentos em ação, observando escolhas, padrões de comportamento, congruências e consistências (CALEGARI; GEMIGNANI, 2006, p. 34).

No anexo IV, é apresentado o teste elaborado por Keirsey que foi elaborado após anos de análises com milhares de pessoas. O teste é muito interessante, pois por meio dele, com 70 perguntas, é possível individuar com bastante precisão a personalidade do indivíduo, ao menos sob o aspecto caracterológico. Segundo Keirsey, em termos probabilísticos, 75% da humanidade seriam extrovertidos e 25% introvertidos; 75% de sensoriais contra 25% de intuitivos; 50% nas funções pensamento e sentimento; 50% nas funções de percepção e juízo.

As indicações da evolução da teoria de Jung com os testes, é um caminho prático e rápido para se obter um cenário de como o caráter, temperamento, enfim, a personalidade do indivíduo é estruturada. De forma fácil, poderá saber qual é a sua função superior, conforme os aperfeiçoamentos de Keirsey citados anteriormente, e uma vez sabendo a sua função principal, imediatamente saberá individuar qual a inferior ou quarta função ou ainda, a função menos desenvolvida ou inconsciente e por aí iniciar suas várias buscas e pesquisas no seu processo de individuação.

Agora, que através da teoria dos Tipos Psicológicos é possível se obter uma noção mais clara das funções, poderá ser realizada a pergunta crucial deste trabalho: é possível formar o “homem redondo”? O homem com todas as funções evoluídas? O homem que pode, de acordo com a situação, realizar a leitura mais exata do real com o auxílio de todos os sentidos, atitudes e funções?

Como já visto anteriormente, a perspectiva é de impossibilidade. Uma passagem que traduz um pouco esta situação:

O temperamento ideal não existe. Se pudéssemos construí-lo, ele teria a alegria, a energia e o virtuosismo dos Artesãos; a dedicação, a segurança e a generosidade dos Guardiães; o altruísmo, a integridade e a sensibilidade dos Idealistas; o engenho, a autonomia e a visão dos Racionais. Mas mesmos “imperfeitos”, todos poderemos desenvolver qualidades de outros temperamentos, pois infinitas são as possibilidades de crescer (CALEGARI; GEMIGNANI, 2006, p. 19).

Portanto, chegou o momento crucial deste trabalho, onde será demonstrado de modo muito breve, alguns pontos de como a Ciência Ontopsicológica poderá dar a sua indispensável contribuição e resposta sobre as questões limitantes levantadas por Jung e seus grandes estudiosos.

3 Metodologia

A metodologia adotada neste trabalho foi um estudo teórico e uma pesquisa bibliográfica, no qual foram levantados alguns dos principais autores que, como Jung, fundamentaram e aperfeiçoaram a Teoria dos Tipos Psicológicos. Este estudo foi praticamente dividido em duas grandes etapas ou fases.

Na primeira fase, foi realizada uma busca nas principais fontes e da fundamentação teórica. Na sequência, uma pesquisa com intuito de isolar os pontos que abordavam as principais vantagens, possibilidades e aberturas que a teoria como um todo proporcionava, como utilidade ao ser humano no seu processo de evolução. E por último, a pesquisa que se concentrou nas limitações da teoria, nas questões deixadas em aberto e até nas impossibilidades evidenciadas pelos diversos autores. Em síntese, o levantamento teórico, as vantagens e por fim as limitações da teoria dos Tipos Psicológicos de Jung e sua evolução.

Na segunda fase, foi realizada uma pesquisa teórica junto à teoria ontopsicológica, com objetivo de dar um retorno positivo e coerente sobre os problemas

levantados na primeira fase. Não de forma a abordar com profundidade a ciência delineada pela Ontopsicologia, porém, os pontos que remetem a um fechamento e conclusão da primeira fase.

4 Resultados e Discussão

Uma vez que foi evidenciada a impossibilidade de integrar todas as funções, é possível uma plena integração, chegando ao considerado utópico “homem redondo”? O objetivo desta “pequena tese” é ser um trabalho resumido. Serão dadas apenas algumas passagens sucintas, apontadas pela Ontopsicologia sobre as limitações da psicologia *junguiana*, que não permitiu resolver de forma efetiva o problema das integrações das funções psicológicas. Em seguida, será utilizada a figura do líder, evidenciada e exposta por Antonio Meneghetti, fundador da Ciência Ontopsicológica, pois o líder é a um dos exemplos do resultado máximo do processo de autenticação desta nova ciência.

De acordo com a teoria ontopsicológica, que introduz a novidade do conceito de Em Si ôntico:

Com base no Em Si ôntico¹¹ podemos colher a vocação, ou temperamento original do sujeito. Desenvolvendo a própria virtualidade¹² íntima, a pessoa acerta a sua vida, porque encontra o *escopo de sentido ou de valor*, isto é, aquilo que a identifica e lhe dá mais ser. O sujeito, uma vez que conhece o próprio Em Si ôntico, sem os estereótipos, certifica a exatidão de si mesmo, alcança a realização, vive satisfeito e goza a paz. Caso contrário, experimenta a angústia, a esquizofrenia, a neurose, a inquietude, o estresse existencial (MENEGHETTI, 2010, p. 22).

Com a individuação, isolamento do Em Si ôntico, é possibilitada a passagem de evolução ou uma melhor integração de todos os sentidos e funções, pois “o potencial do Em Si ôntico primeiro nos dá a evolução perfeita dos sentidos; em seguida os sentidos objetivam a unidade do sentido *a priori* (o sexto sentido)” (MENEGHETTI, 2013, p. 414).

Para individuar o Em Si ôntico, a importância da utilização de inúmeros canais de percepção. De acordo com Meneghetti (2005):

¹¹ “O Em Si constitui o critério-base da identidade do indivíduo, seja como pessoa, seja como relação. É o núcleo com projeto específico que identifica e distingue o homem como pessoa e como raça, em âmbito biológico, psicológico e intelectual” (MENEGHETTI, 2012).

¹² “Forma específica que se pode extrair ou realizar de um contexto ou coisa. Capacidade de uma forma de psicossomatizar-se em diversos modos, sem variar a identidade de forma essencial. Diferencia-se do potencial enquanto implica uma potencialidade específica” (MENEGHETTI, 2012).

...chegar a mediar o real sem *iatus* é uma necessidade normal do homem. Trata-se, portanto, de colher a realidade psíquica, que conduz, virtualmente todas as outras faculdades psicobiológicas conhecidas. Esclareço, além disso, que a cada vez que me refiro ao mundo psíquico, entendo-o como a mais pura forma de energia existente no mundo (MENEGETTI, 2008, p. 357).

De forma mais específica, quais as limitações de Jung? O que ele não enxergou? O que ele não previu? Quais pressupostos faltaram na elaboração da sua teoria, que apesar de grande validade não conseguiu fechar de forma completa o problema do resgate e conscientização das funções menos desenvolvidas?

De acordo com Vidor (2014):

Jung prosseguiu projetando luz no inconsciente mais profundo, afirmou que existem estruturas que correspondem a uma realidade da coletividade humana e que renascem em cada um, sendo ativas. Denominou esses modelos primitivos de “arquétipos”. Eles se sedimentaram no inconsciente do homem a partir do início; tais modelos mostram-se nos estereótipos sociais mais rígidos, devido à repetição projetiva. Ele considerou os arquétipos como propriedades do homem (VIDOR, 2014, p. 108).

Prosseguindo em outra obra, Vidor (2013) elucida um importante aspecto, pois sem o uso do conhecimento do monitor de deflexão¹³, outra das três descobertas da Ciência Ontopsicológica, sendo o monitor um mecanismo na psique humana que cataliza e programa os complexos; a descoberta do Em Si ôntico que dá o critério exato para análise; o Campo Semântico como a comunicação-base que a vida usa ao interno das suas individuações e a distinção da qualidade de alguns arquétipos:

...Jung não viu o mecanismo interno que programa os complexos e não soube distinguir a presença de arquétipos negativos como os da Sombra e da Magna Mater. A falta de conhecimento dos princípios científicos de interpretação dos sonhos impediu-o de avançar em direção à subjetividade objetiva ou à essência do homem. Para ter acesso à essência, faltou-lhe o conhecimento que soubesse decodificar todas as linguagens da vida. Para obter esse recurso, a experiência da comunicação da vida com a vida seria o único meio (VIDOR, 2013, p. 42).

E ainda:

Jung não dispôs das informações que a vida usa na interação da vida com vida. Quando as vidas individualmente ficam condicionadas por informações repetitivas, elas formam uma rede de força que estabiliza estereótipos como definitivos (MENEGETTI, 1991, p. 108).

Continuando sobre a realidade do monitor de deflexão:

¹³ Sobre o conceito de “monitor de deflexão”, reportar à obra MENEGETTI, A. *O monitor de deflexão na psique humana*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005.

O livro “Monitor de Deflexão” é interessante porque apresenta-se nele, em primeiro lugar, um pouco da história da psicologia moderna e depois faz ver que já nos estudos de Freud, de Jung, de Binswanger o monitor de deflexão estava presente sem que eles tenham se dado conta disso (VIDOR, 2014, p. 98).

Um importante aspecto, como evidenciado na teoria dos tipos psicológicos, das funções menos desenvolvidas, principalmente as funções “mergulhadas” na *sombra*:

Jung percebeu que na *sombra* transparece um elemento negativo, mas não entendeu que se tratava de um complemento coordenado à *magna mater*¹⁴. Não viu que se tratava de um mecanismo parasitário que se instala mediante influência afetiva e, uma vez fixo, corresponde a uma grelha que estabiliza a alienação humana. Esse mecanismo passa a ser retransmitido pelas gerações, servindo-se das mães ou pessoas de maior importância na vida das crianças (VIDOR, 2014, p. 108).

Aqui fica evidente a importância e a necessidade indispensável do conhecimento do campo semântico como preliminar ao conhecimento da psique em sua totalidade:

As contribuições de Jung facilitaram as descobertas da Ontopsicologia, porém só o recurso à percepção do campo semântico permitiria decifrar e elucidar todas as camadas inconscientes do ser humano (VIDOR, 2014, p. 109).

Sobre a integração das funções, como evidenciado no início deste trabalho, a “*quintessencia*”, o *self*, o núcleo da personalidade, Jung pressupôs este *centro integrador*, porém ficou de certo modo inconcluído:

Jung, embora sem a percepção evidente, pressupõe o *Self* (*il Sé* ou Em Si), porém não tinha condições de descrever as 15 características do Em Si ôntico. Mediante o campo semântico, o autor da Ontopsicologia pôde, com evidência, efetuar esse esclarecimento e descrever como é o homem em sua raiz ou núcleo autêntico (VIDOR, 2014, p. 109).

Enfim, neste ponto do presente trabalho, começa a evidenciar-se que Jung foi um grande cientista da psique humana, porém, não chegou na resolução de modo completo. Dotado de uma altíssima sensibilidade e inteligência, ainda assim alguns importantes aspectos da psique não foram evidenciados:

A ciência Ontopsicologia teve o acesso à realidade psíquica, como o agente universal unitário de toda a realidade fenomenológica manifestada. Pelo conhecimento da continuidade da vida entre as individualizações, mediante a evidência dos campos semânticos, tornou-se possível dar o critério que fundamenta o valor do conhecimento produzido pelo homem (VIDOR, 2014, p. 109).

¹⁴ “O arquétipo Sombra designa o aspecto negativo da realidade do homem e a Magna Mater a dimensão negativa de âmbito feminino” (VIDOR, 2013, p. 42 – nota n.8).

A Ontopsicologia vai adiante:

A Ontopsicologia não é mais uma corrente de psicologia ou pedagogia colocada ao lado das outras, como se fosse uma disciplina a mais. Ela é interdisciplinar, porque com seu método teve acesso ao núcleo inteligente unitário do saber que coincide ao modo de ser humano. À luz desse saber, pode-se verificar os conhecimentos científicos de valor segundo a medida do homem. As várias ciências sempre partiram de uma consciência já comprometida com pressupostos não evidentes que impediu o acesso ao mundo-da-vida. (...) A Ontopsicologia descobriu o caminho para unificar a consciência com a inteligência do Em Si ôntico, tornando-a exata e em condições de revisar as ciências constituídas. As 15 características do Em Si ôntico são o ponto de referência que serve de critério para estabelecer o valor da ciência segundo a medida humana, sem dano à dignidade do homem (VIDOR, 2014, p. 109).

O conhecimento, através da consciência do campo semântico com acesso à realidade psíquica como *agente universal*¹⁵, como agente mediador entre o Ser total ao ser do indivíduo:

Para Jung faltou o acesso à realidade psíquica enquanto agente universal, por não perceber a interação dos campos semânticos. Essa percepção deu ao fundador da Ontopsicologia a capacidade de ver a realidade psíquica como o conjunto de atividade que produz todos os fenômenos e que organiza a realidade física. A psique faz-se elo unitário universal e estabelece a continuidade da vida entre as individualizações. Uma vez obtida a evidência dos três níveis de percepção dos campos semânticos: o emotivo, o psíquico e o intelectual, vê-se que a psique é uma e desfaz-se a divisão entre psicologia e parapsicologia visto que, de fato, só há Ontopsicologia como ciência da atividade psíquica (VIDOR, 2014, p. 110).

Uma outra estrada muito importante para compreensão do homem são os sonhos:

O primeiro código de leitura da linguagem onírica não se encontra em nenhuma cultura, em nenhum mito antigo, como ao invés disso afirmavam Freud e Jung. O sonho fala diretamente, somente às vezes instrumentaliza a cultura ou a tradição. Na realidade, serve-se sempre de dois elementos: a ocasião histórica e a exigência ou função do instinto biológico. O sonho formula suas primeiras imagens partindo da realidade do corpo: é positivo tudo aquilo que favorece o egoísmo do instinto e da saúde do corpo; é negativo tudo aquilo que contradiz o bem estar biológico, instintivo do egoísmo total orgânico (MENEGETTI, 2005, p. 67).

Após toda esta “junção teórica”, um natural questionamento aparece: é possível que qualquer indivíduo íntegro, conscientize todas as funções e utilizá-las de modo pleno? Seria tentador dizer que com a integração total dos aspectos na consciência se

¹⁵ “O agente universal é o sistema energético base, no qual e pelo qual são possíveis as individualizações; eliminando essa constante dinâmica, elas não têm subsistência. Portanto, o ente histórico humano é possível apenas se inserido constantemente no útero cósmico. Quando procura a última verdade de si mesmo, na melhor das hipóteses, dá de encontro sempre com o agente universal, que o mandará novamente à própria fenomenologia histórica” (MENEGETTI, 2013, p. 156).

poderia ter um gênio como Leonardo da Vinci, com atuação plena em todas as frentes, das construções físicas, na arte, na engenharia, na inteligência desenvolvida de modo geral.

Como analisado até este ponto, temos uma integração e conscientização das funções e atitudes de um ser humano com o método da Ciência Ontopsicológica. Porém, um indivíduo que tem todos as funções potencializadas, o gênio, infelizmente ou não, é uma escolha da natureza. A Ciência Ontopsicológica exemplifica os aspectos do líder, como alguém que se aproxima muito desse aspecto:

O líder possui um Em Si ôntico especial por natureza. (...) *Especial*: possui um virtual maior do que a normal, com atitude a especificar-se em diversos modos. É um Em Si com faculdades mais específicas a historicizar-se com dinâmicas elevadas de inteligências, vontade e vitalidade. Em alguns casos, a natureza abre o potencial do super-homem: todas as suas faculdades são aumentadas a um nível elevado; porém, junto à espontaneidade providencial da natureza, é indispensável a aculturação em uma área determinada (MENEGETTI, 2008, p. 98).

Passamos à figura do líder. Neste momento, abordaremos algumas passagens, dentro da teoria ontopsicológica onde demonstra a plena capacidade do líder de utilizar as funções e atitudes como premissa para impactar o real de forma a não perder nenhum aspecto, seja sensorial, emotivo, psíquico, intelectual, introverso, extroverso, utilizando de bom julgamento ou percepção de suas probabilidades e aberturas.

Na passagem a seguir, fica evidente a capacidade e pleno desenvolvimento da *atitude de julgamento* do líder, pois ele precisa dirigir, controlar, tomar decisões, hierarquizar, conduzir tudo a um escopo já definido, assim como fica evidente o desenvolvimento da *função intuição*, pois ele precisa ter a capacidade de síntese do contexto de relações, a capacidade de enxergar o todo da situação:

Líder, propriamente, indica o dirigente, a pessoa-vetor, aquele que controla as operações. É uma capacidade de síntese de um contexto de relações (...). Substancialmente, é um hierarca de funções: constrói estas funções, controla-as, desenvolve-as, dirige-as sempre com referência a um escopo definido (MENEGETTI, 2008, p. 24).

Neste momento, podemos verificar a necessidade do aspecto “artesanal” da função, pois é algo que tem que ser criada, cultivada e reparada a todo tempo, também precisa do aspecto utilitarista. Mas também podemos analisar o aspecto cooperativo, o uso correto da *função sentimento*, onde o líder sabe servir, harmonizar, relacionar para atingir o máximo de produção, um aspecto da *função sentimento*:

...O líder é alguém que constrói a função, repara-a quando necessário e a aperfeiçoa, portanto, é um artesão. (...) *É uma pessoa que, estabelecido um escopo, busca e cria os meios e as pessoas funcionais ao escopo.* (...) O líder é exatamente aquele que, por meio da inteligência, sabe garantir a função a todos. Não é alguém que sufoca, que inquire, que destrói. Este conceito de liderança é infantil. O líder é aquele que sabe servir, que sabe fazer funcionar, que sabe construir a harmonia das relações entre todos, para que exista um nível máximo de produção de valor e de coisas. (...) *Somente aquele que sabe servir mais do que os outros pode comandar* (MENEGHETTI, 2008, p. 26).

Ainda acima, no final da frase, a capacidade da cooperação, uma mistura dos aspectos de *sentimento* e *juízo* em plena capacidade.

O líder sabe colher a proporção da realidade com a *função intuição* e imediatamente formalizar, com a *função pensamento*, a fórmula resolutive:

O líder é aquele que sabe individualizar a *divina proporção* de como está a realidade, de como se movem as relações de energia da vida e sabe, momento a momento, situação a situação, aplicar a *fórmula* certa de modo a dar a solução vencedora. É um exato formalizador de *fórmulas de vida* (MENEGHETTI, 2008, p. 26).

Na seguinte passagem fica evidente a necessidade e capacidade que o líder tem para “descer”, de sua *função intuitiva*, ou melhor, não exatamente descer, mas trazer também, junto, a *função sensação* em pleno modo. Em outras palavras, a sua intuição, deve juntar-se à sensação e “pisar com seu pé em terra”, ir para a parte, para as peças, porém não esquecendo dos aspectos do todo, deve usar sua sensorialidade ao máximo, a sua *função sensação*, ele precisa ter o máximo olhar, toque, precisão, detalhe, no exemplo abaixo, uma habilidade realmente de artesão, utilizando a *sensação* com a atitude de *percepção*:

Deve ter uma cultura teórica e prática. *Prática* significa que deve conhecer de modo manual, concreto, o objeto do seu trabalho. Se, por exemplo, faz peças de vestuário, deve ser um expert não somente em relação ao material, mas também no seu modo ou tipo de costura, de precisão: qual fio, quais botões, quais proporções, qual corte, porque isso faz a enorme diferença de um paletó ou de uma calça, quando são apresentados à concorrência de mercado (MENEGHETTI, 2008, p. 27).

O líder deve utilizar de modo pleno e consciente da *função pensamento* rotineiramente, “deve construir, progressivamente, a alta cultura no próprio setor, fazendo uma acurada seleção das escolas e das experiências” (MENEGHETTI, 2008, p. 28).

Enfim, conforme os exemplos demonstrados, inferimos que é possível chegarmos ao “homem redondo” através das ferramentas e descobertas da Ciência Ontopsicológica.

Seja um *gênio*, *super líder* ou um líder de grande valor, porém, como evidenciado neste trabalho, é de fundamental importância o *training* através da Consultoria Ontopsicológica:

A consultoria ontopsicológica de autenticação é o processo de training, de formação que consente ao sujeito recuperar, em total consciência, o quântico de inteligência que é. O inteiro holístico do ser humano (consciência e inconsciente) é espírito e biologia juntos, todavia, não vemos o espírito, mas sabemos que existe, enquanto que os neurônios e o corpo são a fenomenologia formal da causalidade psíquica, que é espiritual. O inconsciente é percepção extra-sensorial, espiritualidade, lógica intelectual. (...) Por muitos fatores históricos, o ser humano perdeu boa parte da sua intuição e inteligência nativa; recuperando esta integridade, é possível o conhecimento para aquilo que diz respeito aos seus interesses (MENEGETTI, 2008, p. 32).

Finalizamos aqui nossa discussão e análise e partimos agora para nossas considerações finais.

5 Considerações Finais

Sendo este trabalho uma breve “pequena tese”, abordando um assunto de tamanha profundidade e extensão, é impossível realizar uma abordagem definitivamente completa e satisfatória acerca do tema escolhido de estudo e pesquisa.

Porém, de forma breve, a intenção foi demonstrar, como os conceitos desenvolvidos pela Ontopsicologia, em especial as suas três importantes descobertas, podem contribuir ao problema da integração e conscientização das funções, permitindo fundamentar a possibilidade do tão buscado “homem redondo”, completo.

Existe a possibilidade de uma continuação “desta pequena tese”, na formação de uma tese mais completa, enfatizando e trazendo importantes aspectos que aqui não foram contemplados com a amplitude e profundidade que lhe são devidos, como o processo de autenticação de acordo com a Escola Ontopsicológica, com a utilização das três descobertas, Em Si ôntico, Campo Semântico, monitor de deflexão, além de demais mecanismos importantes como a matriz reflexa e outros, conceitos que trarão de forma mais aprofundada a origem e o sentido da perda, da inconsciência, onde o indivíduo infelizmente vive e atua no real de forma cindida e limitada, tendo por consequência, na perda de uma parte do real, tantos erros e resultados insatisfatórios em sua vida.

Em síntese, a passagem é possível e, apesar de seus diferentes temperamentos, e tendo o indivíduo um projeto já ínsito em sua estrutura, um contato com o real com

certas prioridades e especialidades, nem por isso deixará de utilizar ou desconhecerá suas funções, permitindo assim utilizar ao máximo, quando necessário.

REFERÊNCIAS

CALEGARI, M. da L.; GEMIGNANI, O. H. **Temperamento e carreira**: desvendando o enigma do sucesso. São Paulo: Summus, 2006.

FRANZ, M-L. A Tipologia de Jung. A Função Inferior. In: HILLMAN, J. **A Função Sentimento**. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

HALL, C., LINDZEY, G. **Teorias da Personalidade I**. São Paulo: EPU, 1984.

HALL, JAMES A. **A Experiência Junguiana**. Análise e Individuação. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

JACOBI, J. **A Psicologia de C.G. Jung**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

KAST, V. **A dinâmica dos símbolos**. Fundamentos da psicoterapia junguiana. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

KEIRSEY, D.; BATES, M. **Tipos de carácter y temperamento**. Del Mar: Prometheus Nemesis Book Company, 1990.

MENEGHETTI, A. **A Psicologia do Líder**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, A. **A Feminilidade como Sexo, Poder, Graça**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2008.

MENEGHETTI, A. **Conferências de Ontopsicologia realizadas no Brasil**. Santa Maria: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 1991.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Imagem e Inconsciente**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Introdução à Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **O Campo Semântico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. **O Monitor de Deflexão na Psique Humana**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia Clínica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005.

SHARP, D. **Tipos de Personalidade: O Modelo Tipológico de Jung**. São Paulo: Editora Cultrix, 1987.

STEIN, M. **Jung: o mapa da alma. Uma Introdução**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VIDOR, A. **Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti**. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

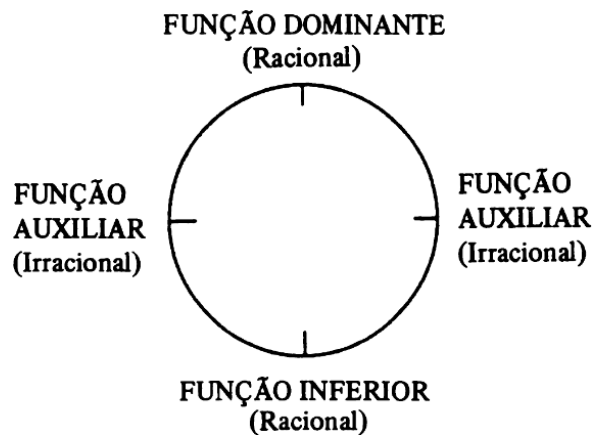
VIDOR, A. **Opinião ou Ciência: tecnologia x vida**. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

ANEXOS

ANEXO I – ORIENTAÇÕES SOBRE ATITUDES NA RELAÇÃO SUJEITO OBJETO¹⁶



ANEXO II – ESQUEMA “QUATERNÁRIO” DAS 4 FUNÇÕES¹⁷



ANEXO III – OS 16 TIPOS PSICOLÓGICOS¹⁸

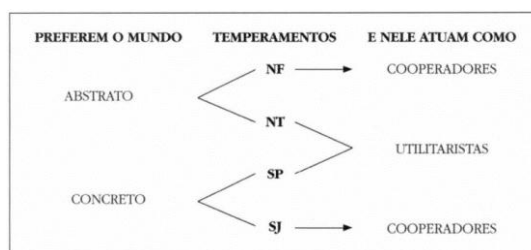
ISTJ Inspetor	ISFJ Protetor	INFJ Conselheiro	INTJ Mente brilhante
ISTP <i>Crafter</i>	ISFP <i>Composer</i>	INFP <i>Healer</i>	INTP Engenheiro
ESTP <i>Promoter</i>	ESFP <i>Performer</i>	ENFP <i>Champion</i>	ENTP Inventor
ESTJ Supervisor	ESFJ Provedor	ENEJ Professor	ENTJ Marechal de campo

¹⁶ FRANZ, 1990, pág. 11.

¹⁷ SHARP, 1987, pág. 21.

¹⁸ CALEGARI; GEMIGNANI, 2006 pág. 31.

ANEXO IV – TEMPERAMENTOS E SUA ATUAÇÃO NO MUNDO¹⁹



ANEXO V – TESTE DE KEIRSEY²⁰

EL DETERMINANTE DE TEMPERAMENTO DE KEIRSEY		
1. Cuando estás en una fiesta (a) te relacionas con muchas personas, incluso con desconocidas (b) te relacionas con unas pocas conocidas	24. Los visionarios (a) te molestan (b) te fascinan	48. Prefieres más a menudo (a) una declaración final e inalterable (b) una declaración tentativa y preliminar
2. Te consideras más (a) realista que especulador (b) especulador que realista	25. Por regla general eres una persona (a) calculadora (b) acogedora	49. Te sientes más a gusto (a) después de tomar una decisión (b) antes de tomarla
3. Es mucho peor (a) "estar en la luna" (b) "ser esclavo de la rutina"	26. Es peor ser (a) injusto (b) despiadado	50. Con personas que no conoces (a) hablas con facilidad y sin preocupaciones (b) tienes poco que decir
4. Te impresionan más (a) los principios (b) las emociones	27. Deberíamos dejar que los acontecimientos ocurrieran (a) sometidos a una cuidadosa selección y alternativa (b) fortuitamente y por casualidad	51. Confías más en (a) tu experiencia (b) tu intuición
5. Te inclinas más (a) a lo convincente (b) a lo conmovedor	28. Te sientes mejor (a) después de haber comprado (b) teniendo la opción de comprar	52. Te consideras (a) más pragmático que ingenioso (b) más ingenioso que pragmático
6. Prefieres trabajar (a) ajustándome a una (b) cuando te parece	29. Con otras personas (a) inicias una conversación (b) esperas a que te hablen	53. En otra persona aprecias más (a) su clara inteligencia (b) sus fuertes sentimientos
7. Formo tus decisiones (a) con mucho cuidado (b) más bien impulsivamente	30. El sentido común es (a) incuestionable (b) cuestionable	54. Te crees ser una persona (a) justa (b) comprensiva
8. Cuando vas a una fiesta (a) te quedas tarde experimentando un aumento de energía (b) te vas temprano sintiendo un disminución de energía	31. Los niños a menudo no (a) ayudan lo suficiente (b) utilizan su imaginación lo suficiente	55. Es preferible que (a) todo esté organizado y preparado (b) ocurran las cosas como vengan
9. Te atraen (a) las personas sensatas (b) las creativas	32. Cuando haces decisiones, te sientes más a gusto si sigues (a) las normas (b) tu intuición	56. En las relaciones humanas todo debería de ser (a) negociable (b) circunstancial y fortuito
10. Te interesa más (a) lo real (b) lo posible	33. Te consideras (a) más bien firme (b) más bien apacible	57. Cuando suena el teléfono, (a) cortas para ser el primero en responder (b) no te importa que otra persona responda
11. Al juzgar a otros te inclinas más por (a) las leyes que por las circunstancias (b) las circunstancias que por las leyes	34. Consideras más admirable (a) la habilidad de ser metódico y organizado (b) la habilidad de adaptarse y valerse con lo que se tiene	58. En ti mismo aprecias más (a) tu fuerte sentido de la realidad (b) tu viva imaginación
12. Al tratar a otros tiendes más a ser (a) objetivo (b) personal	35. Das más valor a (a) lo definitivo (b) las posibilidades	59. Te sientes más inclinado por (a) los principios (b) las posibilidades
13. Haces las cosas (a) con puntualidad (b) sosegadamente	36. Las actividades nuevas y poco rutinarias (a) te estimulan y proporcionan nuevas energías (b) te bajan los ánimos	60. Te parece peor ser demasiado (a) apasionado (b) objetivo
14. Te molesta tener tus asuntos (a) incompletos (b) concluidos	37. Con mayor frecuencia eres (a) una persona pragmática (b) una persona fantástica	61. Básicamente te consideras (a) calculador (b) bondadoso
15. En tus relaciones sociales con otros (a) estás al tanto de lo que les ocurre (b) te enteras de sus asuntos por otros	38. Te inclinas más a (a) ver de qué manera las demás personas son útiles (b) ver de qué manera los demás ven	62. Te atrae una situación (a) estructurada y programada (b) imprevista y sin estructura
16. Al hacer las cosas diarias tiendes a (a) hacerlas según la costumbre (b) como te parece a ti	39. Te satisface más (a) discutir un asunto (b) solucionar el asunto	63. Eres una persona (a) más rutinaria que caprichosa (b) más caprichosa que rutinaria
17. Los escritores deberían (a) decir las cosas claras (b) decir las cosas mediante analogías	40. Te rige (a) la cabeza (b) el corazón	64. Tiendes a ser una persona (a) abierta (b) más bien reservada
18. Te atraen más (a) la consistencia de pensamiento (b) las relaciones humanas armoniosas	41. Te sientes más a gusto haciendo un trabajo que (a) sigue un acuerdo predeterminado (b) se hace sin un plan establecido	65. En tus lecturas prefieres (a) lo literal (b) lo figurativo
19. Te sientes más cómodo cuando haces (a) decisiones lógicas (b) decisiones basadas en principios	42. Buscas (a) lo metódico (b) lo imprevisto	66. Te es más difícil (a) identificarte con otros (b) utilizar a otros
20. Prefieres las cosas (a) establecidas y decididas sitio (b) inciertas e indecisas	43. Prefieres (a) muchas amistades de breve duración (b) pocas amistades de larga duración	67. Prefieres tener (a) claridad de mente (b) fuerza de compasión
21. Dirías que eres (a) serio y firme (b) condescendiente	44. Te guías más por (a) los hechos (b) los principios	68. Un defecto mayor es (a) no saber discernir (b) criticar
22. Cuando habla por teléfono (a) estás seguro que todo se dirá (b) ensayas de antemano lo que dirás	45. Te interesan más (a) la producción y la distribución (b) el diseño y la investigación	69. Prefieres los acontecimientos (a) planeados (b) imprevistos
23. La realidad (a) "habla por sí misma" (b) ilustra principios	46. Consideras más elogioso que te digan: (a) "eres una persona lógica" (b) "eres una persona sentimental"	70. Eres más bien una persona (a) reflexiva (b) espontánea
	47. Aprecias más en ti ser (a) firme (b) fiel	

¹⁹ (CALEGARI; GEMIGNANI, 2006, p. 35).

²⁰ (KEIRSEY; BATES, 1990, p. 5-12).